



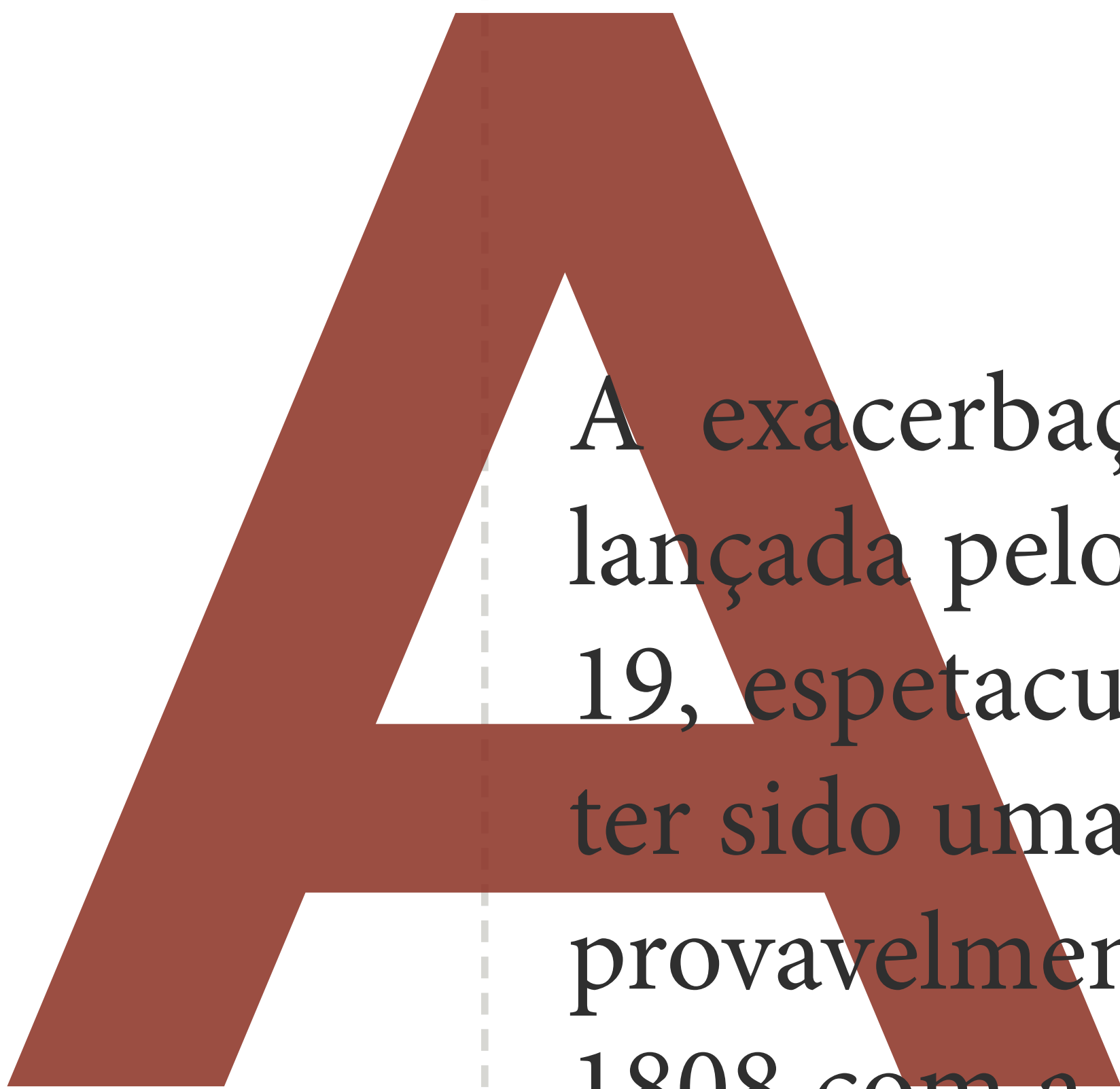
ZUMZUMZUM

Som feito pelo vento ou por um inseto
(besouro, abelha, mosca, pernilongo)

MÚSICA AFRICANA NA CORTE IMPERIAL DO BRASIL

Spirito Santo

Músico, pesquisador e escritor, nas praias
da etnomusicologia e da cultura africana no
Brasil



A exacerbação da onda fundamentalista lançada pelo Vaticano no Brasil, no século 19, espetacularizando sua liturgia, parece ter sido uma estratégia ideológica colonial, provavelmente refinada e exacerbada em 1808 com a chegada da família real portuguesa.

O fato é que, em 1845/46, quando da estada do engenheiro anglo-americano Thomas Ewbank no país, havia centenas de festas católicas de rua por ano, com procissões, quermesses, missas apoteóticas, em honra de centenas de santos, aos quais a população - inclusive escravizada - devotava, sinceramente ou não, uma fé extremada.

O fenômeno da proliferação de uma inusitada e exuberante África sinfônica, em plena corte escravista, iniciado ali por volta de

1810 parece estar ligado, diretamente, à alta rotatividade de africanos na corte do Rio, ponto de concentração e baldeação de escravizados destinados às províncias vizinhas, situação que ensejou a fixação de alguns ali mesmo, na corte, utilizados em serviços típicos das grandes cidades da época, tarefas múltiplas, algumas (como o serviço de escravos “De Ganho”, por exemplo) permitindo algum lazer ou fruição artística para a prática de artesanatos e manufaturas, por parte de alguns artistas especialistas.



Na população africana, livre ou escravizada, habitante da corte, ao que todos os dados iconográficos indicam, as poucas manifestações culturais africanas registradas pareciam ocorrer sempre em locais recônditos, com um número reduzido de participantes, em geral, com música tradicional executada, solitariamente ou em pequenos grupos, com instrumentos típicos ou não da África, fabricados por músico-artesãos remanescentes, ou mesmo exercida em rodas de batuques, lutas marciais ou danças de umbigada - como a que viria a ser chamada um pouco mais tarde de Jongo -, em áreas remotas, fora do perímetro urbano da corte ou nos sopés dos morros que a circundavam.

Desconstruída pelo sequestro na África, com a deportação das pessoas para a escravidão no Brasil, era uma cultura sobrevivente, em busca de ensejos para se manifestar, de alguma homogeneidade étnica forçada pela logística própria do comércio negreiro. É neste sentido que os africanos, livres

ou escravizados na corte, acabaram por se aproveitar das brechas, dos pretextos oferecidos pelas tantas datas de festas católicas para se manifestar.

É por isso que invadiram o carnaval católico e quase todas as suas efemérides, e não por conta de qualquer fascínio místico ou atração especial pela liturgia católica.

Afinal, em se tratando de africanos “incultos”, esta cultura africana era caracterizada por práticas consideradas bárbaras ou malditas, demoníacas, fortemente desestimuladas - ou mesmo reprimidas - pelo poder eclesiástico onipotente que regia todas as nossas relações socioculturais. Havia, isto sim, uma convivência hostil (ódio passivo da parte dos escravizados) entre negros e brancos no caos da corte-cidade, com tamanho grau de tensão social que poderia ser mais bem definido como uma espécie de confronto surdo entre duas visões de mundo, diametralmente opostas, quase inconciliáveis.

Os escravizados da corte, portanto, geralmente eram comprados ou vendidos por cidadãos comuns, como peças individuais, sendo a grande maioria gente branca de poucas posses, já que formas, mesmo leves de trabalho braçal, eram impensáveis para brancos. Esses cativos, domésticos, como são conhecidos, em muitos casos, quase nunca eram encaminhados aos donos em grupos, já que, muitas vezes eram peças avulsas, isoladas, que passariam a conviver com cativos que já habitavam a corte há muito tempo.

Era, enfim, uma negrada ainda pulverizada, solta no caos violento da urbe, envolvida em suas duras obrigações individuais, sem pouca ou nenhuma chance de escapar da rotina comum de todo escravizado urbano, sem tempo e sem algo que galvanizasse qualquer tipo de convivência coletiva cultural ou festiva.

Talvez tenha sido por essa razão que quase não tínhamos, até essa ocasião, manifestações culturais tipicamente africanas, prati-

cadadas nas ruas pela massa negra, maioria esmagadora da população da corte. Não era, até então, absolutamente algum tipo de fragilidade moral ou primitivismo cognitivo o que impedia os africanos de se manifestarem segundo suas culturas originais ou referentes. Era a total impossibilidade de enfrentar a articuladíssima máquina de opressão do sistema escravista.

Contudo, o fato é que o fenômeno da invasão das festas “bárbaras”, de modo ainda um tanto inesperado, incontrollável até, cresceu na corte e se tornou um fenômeno bem visível na década de 1880 (incríveis 30 anos após seu suposto aparecimento), graças à ampla cobertura da imprensa que assumiu um papel decisivo na projeção do fenômeno, estimulada pela onda de solidariedade que a repulsa à escravidão criou no seio de parte da elite intelectual branca (e preta) do Brasil.

De constituição e características, como vimos, africanas “da gema”, já que eram com-

postos por africanos ou descendentes diretos de gente sequestrada na África (então escravizados ou libertos) pode-se deduzir, facilmente, que em suas performances, os cucumbi e grupos assemelhados utilizavam instrumentos musicais de organologia bem próxima à da original africana, por conta da existência ainda de músicos-artesãos com habilidades e know-how preservados.

Essa rica música, fervilhante, tanto lá quanto aqui na corte do Rio de Janeiro de meados do século 19, foi sugada com as pessoas capturadas nas regiões identificadas, música sequestrada, mas jamais refém de ninguém, porque se esvaiu pelas frestas do sistema colonial e inundou as ruas das nossas grandes cidades, a partir da Corte Imperial.

Pouco se sabe a respeito, mas, existiu sim, como podemos atestar até aqui, um carnaval francamente africano na corte do Rio de Janeiro, pelo menos a partir da segunda metade do século 19. Este carnaval africano, como vimos, amplamente coberto pela

imprensa abolicionista da época, começou a sumir de vista, exatamente com a Abolição, em 1888.

Mas ficaram as perguntas: Para onde teria ido o povaréu negro do centro urbano da Corte Imperial entre 1904 e 1920 (quando se dá o renascimento das festas africanas de rua, representado pela criação das Escolas de Samba)?

IMAGENS

Escravo de ganho toca um Pluriarco. Aquarela de Joaquim Cândido Guillobel, 1814